Biografia
do
Padre-Mestre
FREI FRANCISCO DE MONTE-ALVERNE

POR

Domingos José Gonçalves de Magalhães

Ao meu grande illustre e
presadissimo amigo Dr. João
de Cerqueira Mendes

off.

Felix Pacheco

Rio
27
V
919

BIOGRAFIA (*)

DO

PADRE-MESTRE

FREI FRANCISCO DE MONTE-ALVERNE

OFERECIDA

Ao Instituto Historico e Geografico do Brazil

POR

DOMINGOS JOZÉ GONÇALVES DE MAGALHAENS.

1859

(*) Vide a *Biografia de frei Francisco de Monte Alverne*, por Fernandes Pinheiro, na *Rev. Trim.* de 1870 tomo 33, p. 1ª.

BIOGRAFIA

DO

PADRE-MESTRE

FREI FRANCISCO DE MONTE-ALVERNE

POR

DOMINGOS JOZE' GONÇALVES DE MAGALHAENS.

Entre a data do nascimento e a da morte de um homem illustre, ha um vasto campo de flrôes e frutos mais proficuos a quem os colhe do que a quem os cultiva; pois não ha louvores, que compensem os sacrificios d'esses verdadeiros martires da gloria das nações.

Grato é falar d'esses varões prestantes, cujos ossos conservamos como venerandas reliquias, quando tantas vezes insensiveis fomos aos tormentos de sua alma. Mas o tributo de saudade, que hoje consagro á memoria do padre mestre frei Francisco de Monte-Alverne, não é a tardia paga do avaro; pois que em vida lhe dediquei canticos de amizade e de admiração, não comprados por favores; nada tinha esse frade que dar; de nada precizava do mundo, além d'essa amizade pura, mantida pelas ideas; e jamais dei louvores a quem por virtudes os não merecesse.

Nasceu frei Francisco de Monte-Alverne na cidade do Rio de Janeiro em 1785, e na pia baptismal da freguezia da Sé recebeu o nome de Francisco Jozé de Carvalho.

O apelido de Monte-Alverne lhe foi dado no convento. Forão seus pais João Antonio da Silveira, nascido na ilha do Pico, e Anna Francisca da Conceição, natural e baptizada na freguezia de Nossa Senhora da Guia, bispado do Rio de Janeiro.

Ter um filho frade, era no Brazil d'esse tempo grande honra para uma familia; por outro lado não sabião os pais, que melhor direção pudessem dar ao filho, que mostrava grande amor ao estudo.

Entrou pois frei Francisco de Monte-Alverne para o convento de Santo Antonio d'esta cidade, e tomou habito no dia 28 de Junho de 1801. Foi nomeado colegial para o estudo de São-Paulo em 7 de Abril de 1804. N'essa mesma ocazião foi eleito guardião e regente dos estudos do convento d'aquella provincia o respeitavel frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, natural de Taubaté, com quem partio o noviço Francisco de Monte-Alverne, que o teve por mestre. Esse illustre religiozo, tão considerado no seu tempo pelo seu saber e virtudes, sendo depois provincial, foi eleito bispo para Angola em 1810, dignidade que modesto renunciou, bem como o provincialato; e todo se ocupava em traduzir e commentar *La Religione dimostrata e defesa* de Alexandre Maria Tassoni, quando o assaltou a morte.

Na cidade de São-Paulo foi Francisco de Monte-Alverne ordenado de presbitero em 1808; nomeado prégador em 1810; lente de artes em 1813. Voltando ao Rio de Janeiro já com grande reputação, foi nomeado lente de prima e prégador régio em 1816; theologo da nunciatura apostolica, e examinador da meza de consciencia e ordens em 1818; guardião do convento de N. S. da Penha em 1819; secretario da provincia em 1824, e custodio da mesma no anno seguinte.

Por provizão do bispo capelão mór D. Jozé Caetano da Silva foi pedido para lente de filozofia e rethorica no seminario de São Jozé; onde tambem ensinava filozofia frei Antonio Rodovalho, seu mestre, e eloquencia sagrada o orador frei Francisco de São-Carlos, que se immortalizou com o seu poema da Assumpção da Santa Virgem, hoje mais afamado que lido.

Era Francisco de Monte-Alverne de alta estatura; de uma organização forte, musculoza e seca, curvava-se um pouco para diante, quando caminhava, porque, bastante miope desde a sua juventude, procurava vêr onde punha os pés; fóra d'isso mantinha-se direito, com a cabeça levantada. Tinha o rosto longo, descarnado, palido e severo; o que tão bem se moldura no negro capuz do cenobita; muito alta a fronte, que para cima se ia alargando, mal coberta de cabelos, tanto pelo começo da calvice, como pelo circilio, e que negros tinhão sido na mocidade. Grandes, rasgados e bem dezenhados os olhos, em que se exprimia o entuziasmo pela força do olhar, e dilatação das palpebras. Os supercilios contrahidos sempre pelo habito da meditação, e não menos por esse esforço, que fazem os miopes para vêr, formavão um profundo rego de alto a baixo sobre a raiz do nariz, que longo e direito se elevava, descrevendo com a linha da baze um angulo ligeiramente obtuzo. A boca, ou antes os labios mui contorneados e moveis devião ter sido de uma fórma grega, e exprimião, quando parados, desdem e desgosto, talvez pelos trabalhos e monotonia da vida.

Posto que grave de costumes, de caracter, e de aspecto, era muito expansivo; sua sensibilidade moral muito exaltada. Aplaudia com tranportes o bello e o sublime em todas as couzas e do mesmo modo se indignava de tudo o que lhe parecia reprehensivel.

Existe d'elle um retrato parecedissimo, feito em 1830, pelo nosso commun amigo o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, a quem coube o triste dever de acompanhar o nosso mestre á sepultura, e dizer-lhe o ultimo adeus com palavras dolorozas, proferidas ante o seu cadaver.

A voz de Francisco de Monte-Alverne era fórte, prolongada, flexivel, cavernoza, e um tanto aspera, o que n'elle porém não era defeito, antes lhe augmentava a energia, e dava-lhe uma vibração metalica que retenia no mais vasto templo, e perfeitamente se ouvia nos corredores lateraes. Declamava com muita enfaze, como quem tão fortemente sentia o que dizia, acentuando todas as silabas, que ecoavão de modo tal que uma só se não perdia.

Seus movimentos, cuidadozamente estudados, erão sempre precizos, largos e magestozos; e tão sublime dominava

o pulpito, que seu olhar inspirado impunha silencio, e não se póde imaginar mais perfeito modelo de orador sagrado.

Tantos annos foi mestre no pulpito; onde estão os discipulos? O genio é raro; e mesmo para imital-o necessario é algum talento, o que tambem é escasso. Os mestres dezenvolvem, e aperfeiçoão as faculdades, que existem, mas não as erião. Feliz d'aquelle que do céo as recebeu.

Os seus sermões imprcssos em trez volumes, onde brilhão todos os dotes de um espirito elevado, e enriquecido por varios e profundos estudos, sempre surgidos de não vulgar eloquencia, mas ncm sempre modelos de castiça linguagem, que elle ás vezes sacrificava á novidade da fraze, ahi estão para dar testimunho da força da sua grande inteligencia. Vastidão de doutrina, elevação de pensamentos, imagens sublimes, elocução brilhante; tudo achareis n'esses monumentos escritos, que nos ficárão. Mas quem no futuro poderá imaginar a vida, que lhes dava essa voz prodigioza do gigante do pulpito?

Eu assisti aos seus mais bellos triunfos, ouvi essa oração funebre rccitada na igreja da Ajuda, por ocazião das exequias da primeira imperatriz do Brazil, D. Leopoldina, de tão grata memoria: oração que não cede em sublimidade ás mais gabadas de Bossuet. Prezente estava toda a côrte, e debaixo do docel luxuozo, Pedro Primeiro, o imperador viuvo, não occultava as suas lagrimas. E quando ouvio aquella voz tremenda do orador retumbar como uma caverna: « Deus esmaga nas barreiras do tumulo todos esses gigantes da terra » (*) o imperador curvou a cabeça, levou a dextra aos olhos, e os cortezãos, que as tinhão baixas, erguerão os olhos ao orador, como pasmados do seu arrojo.

Ouvi essa oração de graças pelo anniversario do juramento da Constituição do Imperio, pregada na igrcja de São Francisco de Paula, no dia 25 de Março de 1831, 13 dias antes da abdicação de Pedro Primeiro, que inesperado

---

(*) Cito de memoria, pois não tenho aqui as obras de frei Francisco de Monte-Alverne, e por isso não as analizo, nem me alongo em citações.

veio assistir ao *Te-Deum*, mandado celebrar n'esse dia pelos habitantes do Rio de Janeiro, como manifestação dos seus sentimentos constitucionaes, contra as tendencias do governo, que então se acuzava de idéas retrogadas. Ouvi-o n'esse dia, o seu mais bello dia, em que o coração do patriota, reunindo o entuziasmo de tantos corações, se expandia mais que nunca na voz formidavel do orador ; e não creio, que voz de nenhum profeta possa abalar mais fortemente o coração das turbas. Lagrimas arrancadas pela commoção saltárão de todos os olhos, quando, falando da liberdade, exclamou: « D'esta liberdade que não aqueceu os ossos de nossos pais ! » Era precizo vel-o e ouvil-o ; era precizo sentir esse tremor electrico do entuziasmo, que sacudia todas as fibras do auditorio, para se ter idéa do que póde um orador.

Essa voz estava quazi extinta, quando, depois de longos annos de repouzo imposto por infermidades, o virão reaparecer em 1855, já cégo, para tecer o panegirico de São Pedro de Alcantara, n'esse mesmo pulpito que outr'ora tremia debaixo do pezo do colosso da palavra. Elle ahi reappareceu como uma sombra do que fôra, evocada pelo Imperador D. Pedro Segundo, que dezejou ouvil-o ; e essa sombra ainda trovejava, e desparava raios de luz, que enchêrão de admiração aos que não tinhão visto e ouvido o orador em melhor quadra.

Nem considero por pouca ventura o tel-o ouvido e conhecido de perto n'essa época, em que os Brazileiros recem-surgidos do estado colonial ; cheios de esperanças no futuro, tinhão mais veneração aos seus homens illustres, mais dedicação pura ás letras, mais candura na alma, e menos amor ao ganho, que hoje corrompe os corações ainda jovens, e lhes inspira tedio e desgosto ao bello e ao justo que não fundem dinheiro ; unica mira dos tão decantados interesses materiaes, que nos vão materializando o gosto, e petrificando a consciencia. Em todos os tempos cuidavão os homens d'esses interesses ; mas nunca os convertêrão em principio regulador dos deveres do homem como agora.

Nascido, como elle, n'esta mesma cidade, que se ufana de ser patria de mais trez grandes oradores sagrados, os padres Souza Caldas, Francisco de São Carlos e Francisco

Sampaio, que quazi contemporaneos, florecerão, desde os meus mais ternos annos o conheci como orador, e nas festas em que pregava frei Francisco Monte-Alverne, no meio sempre de immenso concurso de admiradores da sua eloquencia, jamais deixava eu de estar prezente, bem colocado com antecedencia para não perder um só dos seus movimentos tão expressivos, tão energicos, como nunca vi, nem mais verei em outro. Mas só o tratei de perto desde que, por ocazião de dar-se á sepultura o corpo do orador frei Francisco Sampaio, que faleceu em 13 de Setembro de 1830, chorando, recitei uma elegia, que corre impressa no primeiro volume de poezias, que publiquei. Frei Francisco de Monte-Alverne, com as lagrimas nos olhos, veio a mim, e abraçando-me, disse: Menino, (seja-me permetido aqui repetir as primeiras palavras que elle me dirigio) Menino, em outro tempo eu vos convidaria a vir n'esta communidade tomar o logar, que fica vago; hoje porém melhor destino espera o talento. Mundo por mundo, melhor é o grande para quem tão moço sabe chorar, e fazer chorar por um frade. »

Parece, que aquella alma tinha penetrado o segredo do meu coração. Todas as minhas tendencias erão então para a vida claustral, que eu reprezentava como a elevação do espirito, a tranquilidade da existencia, o retiro do mundo, o desprezo das vaidades humanas, e o melhor caminho do pulpito, que me fascinava. Mas em contrario menifestou-se o destino pela opozição de meu pai, a quem não dezejava dezobedecer e dezagradar; e o que é mais, pelos conselhos de frei Francisco de Monte-Alverne. « A vida do claustro (dizia-me elle) sinão é o consorcio instinctivo com a humildade, é um martirio sem merito; porque não ha entuziasmo que lento sustente por uma vida inteira o sacrificio forçado das mais imperiozas paixões humanas. »

Não sei, si deva hoje agradecer esses conselhos; que ignoro, si teria sofrido e chorado menos entre os estreitos muros de um clastro, que por este vasto mundo, em que me traz errante o destino, deixando o pensamento repartido por tantos cemiterios.

Nossas relações mais se estreitarão, depois que, em 1832, alistei-me como alumno ouvinte na sua aula de filozofia, no seminario de São-Jozé, onde elle então rezidia.

E pois me leva a memoria a esse tempo feliz da juventude, de tão grata lembrança no declinar da vida, em que se vão apagando as illuzões sonhadas na manhan da existencia, como um resto de luz no crepusculo da tarde, recordarei aqui um facto, em que se pinta o caracter do homem, cuja perda choramos.

Nos ultimos mezes d'esse anno escolar organizárão os discipulos de frei Francisco de Monte-Alverne uma pequena sociedade com o fim de se prepararem para os exames e defeza das concluzões. Solenidade de aparato, que infelizmente cahio em desuzo, e em que por honra da escola os discipulos mais provectos sustentavão em publico algumas thezes escriptas, que se distribuião pelos assistentes: sendo convidados para objectar n'essa ocazião os mestres da sciencia e homens de reconhecido saber. Esse uzo, que deviamos ter conservado, e que bom fôra se restaurasse, tinha a vantagem de animar o zelo do professor, e estimular a aplicação dos discipulos e chamar a atenção publica sobre a importancia da sciencia fundamental.

Para prezidir a esses actos, com a obrigação de sustentar a doutrina da aula, quando fraqueassem os defendentes, escolherão-me os escolares de frei Francisco de Monte-Alverne, os quaes alternativamente se dividião em arguentes e defendentes. Soube d'isso o lente, e veio assistir aos nossos modestos exercicios.

Na primeira das nossas sessões publicas, inesperado aprezentou-se elle. Desci logo da catedra, e pedi-lhe, que tomasse o posto, que na sua auzencia eu ouzava profanar. Recuzou com bôas palavras, e, obrigando-me a voltar á cadeira, si o querião ali prezente, tomou assento entre os ouvintes.

Com o intuito de animar-nos, pedio licença para aprezentar algumas objeções; e como o estudante a quem se dirigia, intimidado talvez pela palavra do mestre, nada pudesse responder, cumpria-me ir em seu socorro.

Travou-se o dialogo entre nós; e no calor da argumentação, elle e eu nos inflammamos: eu animado, porque sustentava a sua theoria, que me parecia a melhor; e elle, porque não dezejava ser vencedor, e recuava talvez para ser vencido por um joven de 20 annos. Não que pueril vaidade

o estimulasse ; mas porque, conhecendo por longa experiencia quanto os moços aplaudem e exagerão o efemero triunfo de um dos seus contra os provectos em saber e annos, temia sacrificar a dignidade de mestre, parecendo realmente vencido, si por delicadeza cedesse, quando então catedratico me exprimia.

E como me apertasse cada vez mais com poderozos argumentos, e eu percebesse, que se regozijavão os discipulos da minha rezistencia, moderando a voz lhe disse : Si esta cadeira se achasse agora ocupada por meu mestre, todos esses argumentos dezaparecerião como um fumo: mas temo verificar a fabula de Faetonte, tomando a direção do carro do Sol. Ao que prontamente replicava elle : « O coração do mestre se regozija de um tal alumno, e eu não sei o que mais admire, si a intelligencia, ou a modestia do discipulo, que tão digno se mostra de ser mestre. »

Descendo eu logo da catedra, e pedindo-lhe me desculpasse o ter tão mal sustentado a sua doutrina, em alta voz respondeu : « Si assim a sustentassem todos, deixaria eu de ensinar. »

Posto que exagerada fôsse essa prova da sua modestia, ella realçava o caracter do sabio, que conscio da inferioridade do seu contendor, o arguia aos olhos de todos ; e só por isso refiro este facto.

Entretanto passava frei Francisco de Monte Alverne por muito orgulhozo, porque de ordinario confundem a gravidade do homem superior, que repele os desdens das almas vulgares, com essa fofa vaidade das criaturas mediocres, indignamente elevadas pelas circunstancias, ou talvez ainda porque, habituado ao entuziasmo e aos triunfos dos seus exercicios oratorios, não se amoldava a esse falar afectado, e a esses gestos fagueiros, o mais das vezes fingidos, que só se adquirem no trato commun dos homens, em cujo atrito se brunem e gastão os caracteres.

O orgulho no homem de genio é muitas vezes o entuziasmo, que os anima, é a manifestação exterior de uma consciencia, que se aplaude por haver bem merecido.

Parla! exclamou Miguel Angelo, dando a ultima pancada de martelo na sua soberba estatua de Moizés.

Por esse nobre orgulho do genio ofendido por mal apreciado, diz o epico portuguez falando ao rei:

> Nem me falta da vida honesto estudo,
> Com longa experiencia misturado;
> Nem sciencia; o que aqui vereis prezente,
> Couzas que juntas se achão raramente.

A este respeito vem-me á lembrança um facto ocorrido entre frei Francisco de Monte-Alverne e frei Francisco Sampaio.

Aspirava este a um bispado, que lhe tinha sido prometido por quem então entre nós o podia dar; e que elle merecia pelo seu talento, e pelos serviços, que com a penna prestára na época da nossa independencia, como redactor do *Diario Official.* Eis que, já nos ultimos annos da sua vida, esperando sempre a primeira vaga, vio com pasmo e grande dôr dada a mitra, que esperava, a um padre de pouoa consideração, que illicitamente a obtivera por intermedio de uma mulher então celebre.

Dias depois foi o imperador Pedro Primeiro assistir a uma festividade no convento de Santo Antonio. Pertencia o pregar n'essa solemnidade ao padre mestre frei Francisco Sampaio, como o mais antigo e graduado dos oradores; e igualmente lhe pertencia a honra de servir ao monarca no jantar, que depois da festa lhe davão os religiozos.

Pregou frei Francisco Sampaio com aquella fluida e encantadora eloquencia, que lhe era tão natural e espontanea, que, ao ouvil-o assim improvizar com tanta segurança e belleza, diceras, que repetia estudado discurso.

Com dificuldade desceu do pulpito, que já então lhe pezava o volumozo corpo, não pelo gravitar dos annos, sinão pelo rheumatismo, que lhe tolhia os membros. Não obstante querendo talvez com a sua prezença e humildade de pretendente queixozo tocar o coração do soberano e dos ministros, que não atendêrão ao seu merito, coxeando sahío do seu cubiculo contiguo á sala, em que armada estava a meza, e ia collocar-se atraz do Imperador, quando frei Francisco de Monte-Alverne indignado, indo a elle e travando-lhe o braço, lhe bradou:

« Padre-Mestre ! não se vá rebaixar. Quer, que tomem a sua humildade por vileza de alma, que se não resente da injuria recebida ? »

E frei Francisco Sampaio, obedecendo áquella vóz sublime, só lhe respondeu: « Tem razão; a minha auzencia será mais eloquente. » E ambos se recolhêrão á mesma cella.

Bem diversos erão os caracteres como as fizionomias d'esses dous grandes oradores. A sublimidade dos pensamentos de frei Francisco de Monte-Alverne estava esculpida como pelo cinzel de Miguel Angelo na dura severidade do seu macerado rosto : a imaginação rizonha de frei Francisco Sampaio transluzia na expansão das suas faces animadas com a frescura do colorido de Rubens. A voz de frei Francisco de Monte-Alverne trovejava; a de frei Francisco Sampaio trinava como um doce gorgeio. Em um tudo era força; no outro tudo graça. O primeiro era mais douto; o segundo mais erudito. Porém, ao ouvil-os ambos, dificil era dar a preferencia; porque si um arrebatava, o outro encantava.

Em filozofia tinha Francisco de Monte-Alverne vasta leitura, e professava um ecletismo, que nada tinha de original: e não me consta deixasse trabalho algum n'essa sciencia, que lhe possa dar mais gloria que as suas orações sagradas.

Como lente de filozofia, devendo ensinar a moços apenas sahidos dos bancos das aulas de latim, seguia os compendios de Antonio Genuense, cuja deficiencia supria com apostilas manuscritas, que dava a copiar aos discipulos; e nas preleções mostrava-se conhecedor profundo da sciencia. E como sempre orava, mesmo conversando, erão o suas lições ouvidas com algum proveito. Tanto por esse dom de bem falar, que é sempre manifestação de feliz inteligencia, como pela doutrina que ensinava, não tinha elle rival como professor; pois bem inferiores lhe erão o beneditino Policarpo de Santa-Gertrudes, e o conego Januario da Cunha Barboza, seus contemporaneos.

O primeiro, grave de caracter e de aspecto, frio ao falar, não passava do sensualismo de Condillac, com alguns commentarios de Cabanis e de Tracy, que erão os seus oraculos em filozofia. O segundo, todo dado á politica, á polemica

dos diarios, ao pulpito, e ás sociedades literarias, que elle animava com sua prezença magestoza, autoridade de seu nome, seus discursos e maneiras sempre afaveis, pouco cuidava da sua cadeira de filozofia.

Nem por isso o censuramos, que necessario fôra todo esse entuziasmo de frei Frаucisco de Monte-Alverne, todo esse fogo no meio do gelo, que o rodeava, para tomar em serio o ensino da sciencia a poucos jovens dezatentos, que frequentão as aulas para adquirirem direito a simples formalidade de um exame por ponto, e para o qual se habilitão nas vesperas com empenhos.

Reuna-se a isto o modo porque erão, e ainda são remunerados entre nós os professores publicos; que todos necessitão recorer a outros meios de subsistencia. O que me me faz lembrar o graciozo dito de um celebre professor da Bahia, (*) prezidindo aos exames dos seus discipulos. Era o Marquez de Barbacena um dos examinadores, e querendo fazer mostra do seu saber, propozera uma questão, a que o examinando não sabia responder.

Senhor, (disse-lhe o professor com aquella sua sarcastica humildade) eu ensino aqui geometria de quatrocentos mil reis; e V. Ex. está perguntando geometria de um conto e duzentos.

O estoico Francisco de Monte-Alverne, a quem bastava o habito, o cubiculo e a parca ração do convento, não experimentava as necessidades da vida secular; e dava inteiro dezafogo á sua alma sublime, cultivando as sciencias moraes e filozoficas, e exercendo a oratoria no pulpito e na cadeira, unica ocupação da sua vida, da qual o arrancou a cegueira, que o sepultou na tristeza vinte annos antes que a morte lhe resgatasse a alma dos tormentos do corpo, no dia 3 de Dezembro de 1858, tendo sido no dia antecedente acommetido de uma congestão cerebral, em São-Domingos, onde se achava.

Na noite do dia 2, tão festejado por todos os Brazileiros, tendo eu assistido ao jantar, que dera o nosso ministro em Pariz, para celebrar o anniversario natalicio do nosso

---

(*) O Dr. Antonio Ferreira França.

augusto soberano, debaixo talvez da influencia da conversação, que após tivemos, sobre as graças provaveis, que se farião n'esse dia de satisfação para os lembrados, de malogradas esperanças para os esquecidos, sonhava eu, que Francisco de Monte-Alverne tinha sido nomeado bispo, talvez no momento mesmo em que sua alma agonizante visse algum mensageiro celeste trazer-lhe a palma do martirio da vida. Mas si em vida faltou-lhe esse titulo para gloria da nossa igreja, teve as honras depois de morto.

Foi seu corpo embalsamado, como os dos principes da terra, e transportado de São-Domingos para o Rio de Janeiro na galeota imperial, e da praia ao convento nos côxes do paço; celebradas as suas exeqias á custa do imperador, que assim lhe fez os ultimos obzequios, em signal do muito, que em vida o estimára e prezára.

A vida de frei Francisco de Monte-Alverne, que se estendeu a 74 annos, foi a de um religiozo literato e exemplar, que nunca se envolveu nas questões politicas, que agitárão os homens do seu tempo; não por indiferença, mas por dignidade do habito, que sempre respeitou. Sua arena era o pulpito e a cadeira. «Sou frade (dizia elle muitas vezes) e frade morrerei». E esse frade é uma das glorias do Brazil!

Assim entre os humildes da sociedade, entre os pequenos do mundo, nascem, ás vezes, os grandes da posteridade, e orgulho das nações.